

HISTÓRIA E MELANCOLIA EM LITERATURA E CIVILIZAÇÃO EM PORTUGAL

JAIME GINZBURG

Universidade Federal de Santa Maria-RS

*Só me cercam fantasmas da tristeza:
Que silêncio! Que horror! Que escuridade!
Parece muda, ou morta a Natureza.*
Bocage

*(...) Talvez todo o valor dos portugueses não
estivesse nos bandidos das montanhas e nos
assassinos da noite, nos salteadores das estradas e
nos apunhaladores das ruas (...)*
Álvares de Azevedo

Eduardo Lourenço considera o período correspondente à primeira metade do século XIX como particularmente difícil para a história de Portugal. A ocupação militar por tropas francesas e espanholas, a submissão à tutela inglesa, o deslocamento do Rei para a colônia, e finalmente a independência do Brasil, alteram profundamente a imagem do Império. Segundo o autor, o país vivia em descompasso com relação ao restante da Europa, e sustentava sua firmeza na duramente abalada concepção territorial do Império além-mar.

Foi exatamente esse período triste e de profunda auto-avaliação da cultura portuguesa que interessou vivamente o escritor brasileiro Álvares de Azevedo (1831-1852). Embora seja um autor com vasta fortuna crítica, é praticamente ignorado seu trabalho como ensaísta. É dele o ambicioso e perturbador estudo *Literatura e civilização em Portugal*, cuja relevância para compreender os conflitos ideológicos no século XIX ainda está por ser avaliada.

O ensaio divide a história de Portugal em duas fases. Na primeira, a *Fase Heróica*, Azevedo ressalta Ferreira, em especial a sua *Castro*, e a produção de Luís de Camões. Utiliza como critério de interesse o impacto sentimental das obras. Ao examinar Camões, reflete sobre elementos épicos e relaciona a produção do poeta com a tradição cristã. Esses escritores teriam a “raça de valentias herdadas com os braços lavados em sangue” (AZEVEDO: 1942, 374).

A segunda é a *Fase Negra*, e nela Azevedo situa Bocage. Nessa fase, Azevedo vai se referir à nação portuguesa como “Rainha dos mares d’outrora” (p.376) e à capital de Portugal como “Lisboa imunda” (p.375). O forte contraste entre as duas fases expõe claramente o processo histórico como um declínio, em que a sociedade portuguesa se degrada. Em termos históricos, é fácil aproximar as referências aos tempos de crise de Portugal delineados por Eduardo Lourenço e o horizonte em que se desenvolve a fase negra conceituada por Azevedo.

Conhecido como um dos principais poetas do romantismo brasileiro, Álvares de Azevedo teve suas obras publicadas em edição póstuma, em 1853. Entre os textos que permaneceram inéditos em sua vida, estavam alguns estudos literários. Azevedo é conhecido hoje principalmente pela sua poesia lírica, caracterizada por uma ampla variedade de temas. Também foram consagrados o texto dramático *Macário* e a ficção de *Noite na taverna*. Sua obra completa inclui também discursos acadêmicos e ensaios. Seus estudos literários foram constantemente relegados a um segundo plano, e tratados com indiferença pela crítica e pela historiografia. As poucas manifestações a respeito, de modo geral, convergem para o juízo negativo, e os caracterizam como obscuros.

Desde a publicação da *História da literatura brasileira* de José Veríssimo, Álvares de Azevedo é classificado como principal representante da chamada *segunda geração* da poesia romântica brasileira, e como *ultra-romântico*. Os traços característicos dessa geração seriam o intimismo, a valorização da influência de Byron e Musset. Um dos traços considerados essenciais de sua produção seria a ausência de reflexão sobre temas nacionais, de acordo com as formulações de Eugênio Gomes.

Embora de fato em sua poesia lírica não encontremos um nacionalismo ostensivo, existe na produção ensaística um interesse pela reflexão sobre questões nacionais. Não diretamente referentes ao Brasil, mas antes a Portugal. O ensaio *Literatura e civilização em Portugal* é do maior interesse para os estudiosos de literaturas lusófonas, pelo modo particularmente original de relacionar literatura e nacionalidade.

Estruturalmente, a elaboração da história de Portugal proposta por Azevedo corresponde com precisão a um dos elementos mais importantes de sua poesia lírica: a ironia, tal como concebida pelo romantismo alemão. A organização narrativa da história, assim como o andamento argumentativo e a seleção de vocabulário, expressam com exemplos robustos o senso de ironia tão apreciado por Schlegel. Karl Solger, o fundador do conceito romântico de ironia, matriz dos conceitos modernos, propõe o seguinte percurso. Em um primeiro momento, um objeto tem sua caracterização elevada, qualificada com traços positivos, configurada como ideal. Em um segundo momento, o absoluto se torna relativo, o objeto deixa aparecer sua precariedade, sua carência de sustentação interna, havendo uma *queda* que o conduz à perda do ideal e à

ruína. Para Solger, o movimento de ascensão e queda de um objeto, ou afirmação e negação de um valor, é o percurso de constituição da ironia.

Aos olhos de Álvares de Azevedo, a história de Portugal constitui precisamente esse percurso. Na fase heróica, a nação se afirma com solidez. O império se expande, o reino se enriquece, os homens experimentam sua força e a ampliação das possibilidades de sua experiência. Na fase negra, o espaço se degrada, se torna imundo, e a nostalgia do passado se associa a uma dificuldade delicada de pensar o presente e o futuro. A ironia, afinal, se torna melancolia.

Azevedo nos propõe, assim, uma trajetória irônica e melancólica de Portugal, em que se observa a queda da posição afirmativa à indeterminação de sentido. As diminuições em escala política e geográfica, com a independência brasileira e a redução das ações exploratórias imperialistas, constituem, no âmbito social, uma perda sem condições de superação, e marcada por dor, por um dilema identitário, e por uma forte incerteza. A mudança radical de estilo, tom e repertório temático, de *Os Lusíadas* para a lírica mórbida e intimista de Bocage, sinaliza a interiorização, pela cultura portuguesa, de ansiedades históricas.

Diferentemente do esperado em certas tendências comuns do romantismo, em que um critério fundamental de valorização da literatura consiste em seu papel empenhado na formação da imagem da nação, como pode ser observado em *Bênção paterna* de José de Alencar, para Azevedo não existe essa conexão direta. Uma grande literatura não corresponde a um grande país. O critério de valor empregado apontará, inversamente, a necessidade de a literatura representar o estado de precariedade da nação.

Na perspectiva constituída com base na ironia e na melancolia do romantismo, Azevedo encontrou, entre a lírica de Bocage, “rei da literatura portuguesa de então” (p.375) e a sociedade portuguesa, uma homologia. De modo afim ao que propõe Adorno, o poeta brasileiro reconhece um vínculo entre antagonismos internos à produção literária, e antagonismos da experiência social.

Ao falar das relações entre a literatura portuguesa e a situação do país, indiretamente Azevedo vai duramente inviabilizar qualquer margem de idealização, elemento fundamental para outros poetas do século XIX. O estudo de Azevedo é elaborado tendo por base uma filosofia da história bastante particular para o seu tempo. O autor elabora uma estratégia melancólica de formulação da história de Portugal. Sem utopias ou progresso, o movimento da história é apresentado como caminho da ruína.

A leitura do ensaio permite observar que o seu andamento não segue uma linha dedutiva. O raciocínio de Álvares de Azevedo é pautado por associações livres, especulações não necessariamente fundamentadas, sinais constantes de erudição, e marcas expressivas de percepções subjetivas e emotivas dos textos

estudados. A composição é freqüentemente sustentada por metáforas, articulações conotativas e alusões sugestivas. O pensamento difuso se vale constantemente de procedimentos de comparação e contraste, em detrimento de referências a causas e conseqüências. Dentro da erudição, chamam a atenção conhecimentos de literatura inglesa, francesa e alemã. As referências sociais, quando aparecem, surgem em pauta intimista de formulação.

Não é difícil perceber as afinidades estruturais entre o discurso de historiador de Álvares de Azevedo e os encadeamentos dos relatos embriagados de *Noite na taverna*. Há muito da condição embriagada na perspectiva de trabalho de Azevedo. Seguindo uma indicação de Aristóteles, somos levados à percepção de que a modalidade embriagada de discurso expressa melancolia. A complementaridade existente entre a embriaguez e a melancolia, associada ao descentramento provocado por ambas, encontra na produção em Álvares de Azevedo uma expressão muito forte.

Está ausente na escrita de Azevedo qualquer referência positiva a progresso ou ao estabelecimento firme de uma identidade nacional. Portugal, em Álvares de Azevedo, surge como uma nação triste. Quando escreve esse ensaio, poucos anos depois da independência brasileira, Portugal está passando por profundas adaptações, em razão das restrições econômicas e dificuldades políticas resultantes da interrupção do longo período de exploração das terras brasileiras. Azevedo atribui um mal-estar à civilização portuguesa, um sinal de decadência.

A melancolia é apropriada para esta concepção da história, pois tradicionalmente a condição melancólica está associada à experiência de uma perda não superada. Para a perspectiva melancólica, as condições de existência são hostis, a realidade é problemática, e as possibilidades de transformação são consideradas remotas ou vãs.

Tradicionalmente, considera-se, a partir de Aristóteles, que a melancolia traz ao sujeito uma capacidade de percepção diferenciada, uma sensibilidade precisa. Na história do ocidente, nenhuma época consagrou tanto esse sentimento como o romantismo, que removeu sua caracterização de doença e desequilíbrio, desenvolvendo uma epistemologia e uma estética sustentadas pela importância da melancolia como acesso ao sentido da experiência humana. De acordo com Leopardi,

“A melancolia é, de qualquer maneira, o mais sublime dos sentimentos humanos. (...) Considerar a imensidão incomensurável do espaço, o número e a grandeza maravilhosa dos mundos, e perceber que tudo isso é pequeno, até minúsculo em comparação com a capacidade de nossa alma; imaginar o número infinito de mundos e o universo sem fim e sentir que nosso espírito e nosso desejo é ainda mais vasto que o universo; proclamar sem cessar a insuficiência e o nada de todas as coisas, sofrer privações e desejos, e em conseqüência a melancolia, isso é o que me parece ser a marca mais evidente da grandeza e da nobreza da natureza humana.” (LEOPARDI, apud BIEDERMANN: 19, 118-20)

Álvares de Azevedo atribui a Portugal, em escala coletiva, e em dimensão político-social, um estado crepuscular, que tem ligação direta com a melancolia resultante da experiência da perda. O estado crepuscular representa uma aproximação da finitude, do limite. O poeta brasileiro, em consonância com essa leitura do horizonte histórico, defende que o bom poeta é aquele que representa esse estado, com sua devida força. Para ele, a literatura é “um resultado das relações de um povo” (p.340).

Azevedo, à distância, contempla a sociedade portuguesa dos séculos XVIII e XIX, observando os “lupanares”, as “praças” (p.377), os “salões frios da nobreza portuguesa”, as “reuniões dos botequins e bilhares” (p.381), e considera Bocage, nesse meio, um “rei solitário” com uma “missão criadora e sublime” (p.381). Nesse estado crepuscular minuciosamente descrito por Azevedo, Portugal, com suas “praias imundas” (p.376), é reconhecido como o contexto motivador de produção da poesia de Bocage, marcado pela “turvação do espírito” (p.379), que teria muito a dizer sobre nós. Em Azevedo, a separação política entre Portugal e Brasil não representou de modo algum o fim das ligações entre os dois países, mas um fator de mudanças.

Azevedo vai promover a integração literária entre Brasil e Portugal, ao mesmo tempo em que ataca os critérios convencionais de entendimento das referências nacionais. Não é casual, nesse sentido, o completo afastamento de Azevedo do caminho de idealização da natureza brasileira seguido por Gonçalves Dias, tal como é possível observar em *Macário*. Em uma passagem da peça, apontada por Dante Moreira Leite como exemplar desse afastamento, o personagem principal contesta a representação positiva da natureza brasileira, afirmando que “tudo isto é sublime nos livros, mas é soberanamente desagradável na realidade!” (p.66). Azevedo seguramente não estava interessado em um nacionalismo ufanista, e não acreditava em um projeto empenhado de construção do país.

Em uma passagem de *Hispania*, parte de seu estudo, o poeta escreve que acredita em uma necessária integração entre língua e literatura - “sem língua à parte não há literatura à parte” (p.339). Esse argumento poderia funcionar como premissa da idéia de que as literaturas portuguesa e brasileira constituiriam um único e homogêneo sistema. Não é isso o que Azevedo pensa. O curso de seu raciocínio encaminha para dois desdobramentos. O primeiro, polemizar a respeito da “brasilidade” de autores como Santa Rita Durão, Alvarenga, Basílio da Gama e Tomás Antônio Gonzaga. Diz ele: “os heróis do Uruguai e do Caramuru eram portugueses. Não há nada nesses homens que reslumbre brasileiro” (p.341).

O conceito de “brasileirismo”, estritamente, não está definido. Isso permite a Azevedo um segundo desdobramento: a possibilidade de assimilação para nossa literatura de autores portugueses.

"(...) por causa de Durão, não podemos chamar Camões nosso; por causa, por causa de quem?... (de Alvarenga?) nos resignarmos a dizer estrangeiro o livro de sonetos de Bocage!" (p.340)

As idéias de Azevedo sugerem que Camões e Bocage mereçam ser reconhecidos como "nossos", isto é, como brasileiros, mais do que Alvarenga ou Durão, e não como "estrangeiros". Afastando os esforços de alcance épico e as conquistas estéticas dos árcades brasileiros, Azevedo encontrará nos poetas portugueses a representação da nossa experiência. Isso significa que nas melhores expressões do mal-estar crepuscular português, encontramos também algo de especificamente brasileiro.

Nas páginas que dedica a Bocage, Azevedo ressalta, como qualidades, os traços melancólicos do autor. Caracteriza-o como "bem infeliz" (p.385), solitário, jogado na ausência de luz, "sofrendo da dor no coração" (p.377), marcado pela saudade (p.383), ébrio, incerto, desesperado (p.379), dotado de "imaginação ardente" (p.381), autor de poesia "tão pura em sua melancolia" (p.382). Ele acredita que em Bocage

"traduz-se uma era inteira. É o espelho onde passa com sua flutuação de luz e sombra no roxo crepuscular de uma nação a hora turva em que tudo se agita lugubrememente, como por um enterro ou um nascer doloroso (...) Portugal se mergulhara no crepúsculo" (p.387).

A premissa da argumentação de Azevedo consiste em que traços essenciais de um país podem ser encontrados em sua literatura. O mal-estar da civilização portuguesa, suas frustrações, seu "crepúsculo", estariam expressos na melancolia do poeta.

Retomando elementos mencionados anteriormente, na medida em que a melancolia deste, acentuada insistentemente por Azevedo, traduz o "crepúsculo" português, e se Bocage não merece ser tratado como "estrangeiro", temos um caminho aberto para a analogia. Não são poucas as afinidades entre Álvares de Azevedo e Bocage. Uma das mais evidentes é a perspectiva melancólica de representação de estados subjetivos e da passagem do tempo.

Uma das razões de Álvares de Azevedo valorizar tanto esse poeta português está em que nele encontra elementos de seus próprios interesses estéticos. Um desdobramento natural dessas afinidades eletivas estaria em uma expectativa, por parte de Azevedo, de que sua produção traduzisse, de algum modo, a situação brasileira.

Não há dados textuais suficientes para afirmar, com segurança, que Azevedo aplicaria esses pressupostos a si próprio, com uma consciência minuciosa a respeito das implicações estético-políticas de sua produção.

Podemos apenas supor, a partir dos comentários sobre literatura portuguesa, que, mesmo não discutindo diretamente, na maioria de seus textos, temas cruciais da época, mesmo passando ao largo de questões como o escravismo e a desigualdade social, acreditava que a melancolia de sua produção, tal como a de Bocage, traduzisse, de algum modo, o mal-estar de sua sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Martins Fontes, 1988.
- _____. *The stars down to earth and other essays on the irrational in culture*. London: Routledge, 1994.
- ALENCAR, José de. Bênção paterna. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959. v.1.
- ARISTOTE. *L'homme de genie et la mélancolie*. Paris: Revages, 1988.
- AZEVEDO, Álvares de. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. v.2.
- BIEDERMANN, Alfred, org. *Le romantisme européen*. Paris: Larousse, 1972. v.1.
- BOCAGE. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- _____. *Sonetos e outros poemas*. São Paulo: FTD, 1994.
- GOMES, Eugênio. O individualismo romântico. In: COUTINHO, Afrânio, org. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, Niterói: UFF, 1986. v.3.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LOBO, Luiza, org. *Teorias poéticas do romantismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NASCIMENTO, José Leonardo. Nacionalidade e literatura na *História de Portugal* de Oliveira Martins. In: IANNONE, Carlos Alberto, GOBI, Márcia V. Zamboni & JUNQUEIRA, Renata S, orgs. *Sobre as naus da iniciação*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.
- ROSENFELD, Anatol. Sobre a ironia romântica. *Jornal de São Paulo*. São Paulo, 11/6/50. (Suplemento)
- SOLGER, Karl. On irony. In: WHEELER, Kathleen, org. *German aesthetic and literary criticism: the romantic ironists and Goethe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Brasília: Unb, 1963.